

## Ensinamentos de Scalabrini para o homem do nosso tempo

O que mais me impressiona da figura do Beato João Batista Scalabrini? Esperando de não forçar a sua biografia em direção do nosso viver atual, o que me impressiona nele é o seu modo profundo e concreto de encarnar a espiritualidade do pastor, primeiro como pároco e depois como Bispo.

100 anos depois: 1905 – 2005

**Beato João Batista Scalabrini  
Bispo e Fundador**

**Comentário de Padre Gigi Bavagnoli.**



### **“Ensinamentos de Scalabrini para o homem do nosso tempo”**

O que mais me impressiona da figura do Beato João Batista Scalabrini? Esperando de não forçar a sua biografia em direção do nosso viver atual, o que me impressiona nele é o seu modo profundo e concreto de encarnar a espiritualidade do pastor, primeiro como pároco e depois como Bispo.

Sempre me impressionou, lendo os resumos biográficos e os textos de Scalabrini, esta sua capacidade de obedecer ao Senhor e de servi-lo no concreto: certamente a sua sólida formação teológica e espiritual lhe deram sempre suporte nisto, mas creio que ele tenha aprendido muito vivendo como pastor em meio ao povo que lhe tinha sido confiado.

Por isso, podemos dizer que ele se tornou Beato não tanto pelas fadigas pastorais as quais se submeteu, que o levaram a percorrer muitas vezes as estradas (e os caminhos) da nossa diocese e também a atravessar terras distantes, mas ele se tornou Beato graças a este seu empenho pastoral, que não o distraiu do seu Senhor, antes, o estimulou a buscar uma relação ainda mais estreita com Ele.

Hoje, nós temos mais consciência que a espiritualidade sacerdotal alimenta a atividade pastoral e vice-versa o empenho pastoral nutre e anima a espiritualidade do sacerdote (e do Bispo): parece-me que Scalabrini tenha percebido e vivido este encontro fecundo muito antes que fosse teorizado, graças a sua formação pessoal e as suas intuições espirituais.

Scalabrini nos ensina, com a sua vida e com suas palavras, que o pastor deve escutar a Palavra que ressoa no texto sagrado, e obedecer a ela, mas deve também escutar e,

sobretudo obedecer àquela Palavra que Deus espalha no mundo e que nos vem ao encontro como provocação, como apelo, como convite à ação:

“Não todos podemos tudo, o sabemos; mas quem é que não pode alguma coisa? Vocês não se sentem com coragem suficiente para entrar em campo vocês mesmos enquanto ferve a conflito?”, assim escrevia numa carta pastoral de 1888. Com esta atitude “espiritual” explica também o seu empenho na vida política de seu tempo: as suas tomadas de posições a favor da participação dos católicos na vida política italiana nasciam desta tomada de consciência da necessidade de empenhar-se nas situações concretas para viver seriamente o compromisso que nasce da fé.

Assim, aquilo que nós tantas vezes pensamos em modo separado (ou a oração ou a atividade pastoral, o compromisso político ou o serviço da caridade), para o Beato Scalabrini eram uma coisa só: e a obediência ao Espírito exigia sempre fazer bem, agir bem na história (e aqui as raízes lombardas do Beato saltam aos olhos).

Por isso, sustento que Scalabrini foi um homem empenhado no campo político (com toda a atenção que teve em não criar escândalos ou divisões no seio da Igreja) porque impulsionado pelo discernimento da situação que nascia de uma profundidade espiritual e moral sem sombras nem hesitações. Era o amor pela Itália e sobretudo pela Igreja a impulsionar o bispo de Piacenza a ocupar-se para que o bloqueio de energias preciosas para o bem comum fosse eliminado, superando preconceitos e antigos rancores e favorecendo um inserimento da comunidade cristã no tecido social e civil.

Tenho me perguntado o que havia à raiz deste zelo apostólico de Scalabrini, e como ele amadureceu esta sensibilidade pastoral dentro de sua espiritualidade e como sua matriz: eu creio que posso dizer com uma só palavra, e isto é o amor pela Igreja.

Se considerarmos as fadigas pelas quais ele se submeteu no serviço eclesial e as tensões que Scalabrini teve que aceitar, pelas incompreensões e desafetos, por parte também da sua comunidade, eu creio que a serenidade de fundo, o seu indomável desejo de trabalhar para o bem da Igreja (piacentina, italiana e mundial) fosse movido por este amor pela mãe Igreja. Uma mãe às vezes difícil de aceitar, mas uma realidade imprescindível, um dom para acolher e proteger sempre com muito afeto e empenho.

Por isto, o serviço pastoral e a piedade devocional no Beato Scalabrini nunca foram separados, ou vividos em conflito, mas sempre interagiram, certamente a um nível muito elevado, e isto pela força de ânimo do Beato.

Este amor pela Igreja ele o traduziu, em modo todo particular, pela nossa Igreja de Piacenza, pelo qual gastou tempo, energias e fadigas acima de quanto fosse lícito esperar de um bom Pastor. E creio que um pouco do amor pela diocese que moveu os nossos pastores nestes decênios, e o clero e o povo cristão que vive em Piacenza, nos venha ainda dele, do seu exemplo, do seu grande testemunho, do compromisso que colocou em tantas iniciativas surgidas graças a ele e em volta dele nos anos de seu episcopado.

Os votos que faço a mim, e a toda a comunidade, é de saber retomar esta lição de vida e de saber traduzi-la nas situações de nosso tempo, para que a nossa Igreja tão rica de boas e santas tradições não cesse de produzir bons frutos para o Reino.

**Fonte:** Suplemento mensal do “O Novo Jornal” do Comitê Diocesano para a celebração do centenário – n. 3, supl. do nº 2 de 21 de janeiro de 2005.